

A Voz da Comunidade Através das Rádios Comunitária: análise da Rádio New Life FM e Rádio Heliópolis FM3 ¹

Juliana de Souza Mavoungou YADE²
Marcelo da Silva ROCHA³
Rebeca Karen de SOUZA⁴
Universidade Federal do Pampa, São Borja, RS

Resumo

Este trabalho trata sobre a análise de duas rádios comunitárias que são inseridas em bairros/comunidade periférica de São Paulo como um meio de representar um povo. Temos que a hegemonia é uma ideologia que massifica a comunicação e silencia a “voz” dissonante da periferia. Nossa questão central está em perceber se as rádios comunitárias são de fato a voz das comunidades onde operam e conseguem ter uma programação que fuja da hegemonia presente nos programas das rádios comerciais.

Palavras-chave: rádio; comunidade; representatividade; mídia; comunicação.

Introdução

O rádio, desde sua invenção no início do século passado, é um importante veículo de comunicação. Antes do surgimento da televisão, ele era o único meio de comunicação de massa, notícias, novelas, diversão, cultura, lazer e música chegava aos ouvintes pelas ondas do rádio.

Reconhecendo a importância deste meio de comunicação, e as possibilidades de avanço da comunicação popular que surgiu a partir da difusão de informações sonoras, abordaremos ao longo deste trabalho como as rádios comunitárias ganharam vez em meio a

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Educação Consultora do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdade (CEERT), email: juli.soul@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor. Dr. Do Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), email: marcelorochoa@unipampa.edu.br

⁴ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), email: rebecakaren.soul@gmail.com

comunicação homogênea que passou a atender as necessidades do mercado, quais os recursos utilizados para a elaboração e transmissão de informação que trate das necessidades locais, que geralmente, estão à margem da sociedade.

A comunicação de massa, está cada vez mais presente nos veículos comunicacionais, esta, insere-se no que se denomina indústria cultural e influencia diretamente a cultura da localidade que busca alcançar. Quando pensamos em Rádio Comunitária, é viável indagar quais as estratégias utilizadas para o desenvolvimento de uma informação peculiar, que dê conta de um determinado local com estrutura e demandas próprias. A pergunta que fazemos é: Será que as rádios comunitárias dão conta de trazer representatividade para uma determinada localidade (comunidade), transmitindo às pessoas os assuntos, informações, lazer, cultura, músicas e notícias de interesse local?

O desenvolvimento dos bens simbólicos que caracterizam a existência de novos métodos para exercer a cidadania é de extrema importância para compreender as comunidades e a ligação da rádio que ali está inserida.

Na atualidade, as rádios comunitárias se tornaram cada vez mais frequentes, a sociedade é “seletiva” mediante os grupos que a compõe, notando tal exclusão e percebendo a falta de representatividade de um determinado grupo, em que a voz por muitas vezes é silenciada, as rádios comunitárias cada vez mais se fazem presentes nessas comunidades o que colabora com o interesse do público ouvinte, trazendo além de entretenimento questões de saúde, educação e outras ligadas ao interesse público.

As rádios comunitárias é o modo de inclusão das comunidades periféricas, que são geralmente excluídas pelos meios convencionais de informação, ou seja, televisão, internet, rádio comum, jornais.

A rádio comunitária é uma forma de comunicação popular que de acordo com Peruzzo (2004, p.114) é resultado de um processo que se realiza na própria dinâmica dos movimentos populares tendo como questão base a mudança social, nesse sentido, as Rádios Comunitárias que se compreendem como “voz da comunidade” auxiliam na alteração da comunicação de massa, pois estabelece uma comunicação que se aproxima das necessidades e questões locais.

Contra - Hegemonia na Comunicação Popular

Hegemonia para Eduardo Granja (2008, p.164) é uma forma de poder estabelecida por uma postura totalizante, generalizada, mas que se dá com o consentimento ou a aceitação dos demais, a partir disto, que podemos chegar a um determinante de configuração particular de dominação ideológica, ou seja, a partir do que o autor descreve em seu livro a contra-hegemonia é algo que vai contrapor o que a sociedade insiste em colocar como regra a ser seguida, um grande exemplo disto, são os movimentos sociais da sociedade civil o de mulheres, movimento negro, movimento sem-teto, estes podem ser considerados movimentos contra – hegemônicos.

Sobre as rádios comunitárias entendemos que se trata de um procedimento popular com postura contra-hegemônica, pois grande parte desses meios de comunicação trazem em suas programações o que podemos chamar de radicalidade na realização de suas transmissões e conteúdo que fogem à regra das rádios comerciais.

No Brasil as rádios comunitárias e livres tiveram surgimento a partir da década de 1960 (GRANJA, 2008), desde o início foram perseguidas pelo poder governamental, muito mais pelo que produziam do que pelas ondas clandestinas que utilizavam para a transmissão do programa.

Atualmente grande parte das rádios comunitárias no Brasil são conhecidas pelo Governo Federal, a disputa concentra-se no campo de utilização de espaço na transmissão. No processo de construção desse artigo, passamos a acompanhar algumas transmissões de rádio oferecendo aos seus ouvintes programações iguais a outras rádios legalizadas, isto não torna às rádios comunitárias contra – hegemônicas, no qual o movimento de rádios comunitárias e livres pretendia.

No Brasil e na América Latina antigamente, as emissoras que não seguiam o “protocolo” eram perseguidas e lacradas, pois transmitiam informações e conteúdos considerados “subversivos” para aquela época, momento em que muitos dos países latino-americanos viviam sob ditaduras, o qual muitos programas de rádios e televisão eram supervisionados, e seus conteúdos e informações eram escolhidos para a divulgação para o público, hoje não se encontram mais resquícios da função contra – hegemônica.

O percentual de rádios fechadas atualmente, não desperta nenhuma reação popular ou comunitária, já que muitas das emissoras que foram fechadas clandestinamente utilizavam apenas para transmissão de músicas evangélicas e comerciais – o que se limitavam nas mesmas programações das rádios legais, para sintetizar este pensamento, o

Brasil é um país que tem fechado cada vez mais as rádios clandestinas, que estas por sua maioria são apenas aparatos para transmissão de comerciais que procuram apenas um lugar ao sol no mercado. Segundo a autora Raquel Paiva:

No caso específico de uma emissora comunitária, entende-se que o recurso técnico é apenas um fator a ser utilizado com o propósito de agregação e ação cívica. Pode até ser que exista o caso de uma comunidade ou de uma estrutura vinculativa que se estabeleçam com base na existência e na produção de uma emissora, mas geralmente ocorre o inverso (COUTINHO apud PAIVA, 2006, p. 167).

De acordo com a Amarc Brasil (Associação Mundial de Rádios Comunitárias), as rádios que são associadas com esta ONG, produzem material para comunidades, como: informações, cultura, educação. Elas procuram discutir sempre assuntos que sejam referentes à sua localidade, com a perseguição das rádios e sua lacração e proibição de transmissão, sempre arrumavam um jeito de manter as informações para a comunidade, através do velho método utilizando distribuição de panfletos e boletins online.

Identidade da Comunidade

Para que a criação de uma identidade local seja estabelecida é preciso observar os aspectos sociais, históricos, culturais e até econômicos referente as pessoas que ali habitam, é comum que ao longo do tempo seja gerado um sentimento de pertença, criando-se então uma identidade cultural, comunal.

O autor aponta como fatores associados ao desaparecimento da comunidade os processos de urbanização e suburbanização. O fato das cidades crescerem e majoritariamente seus centros estarem ligados ao desenvolvimento e modernização do espaço urbano, houve então o que o autor denomina de suburbanização, o deslocamento massivo para lugares os mais afastados das cidades.

Sobre o desaparecimento da comunidade, há fatores importantes a serem ressaltados que se refere ao sumiço das comunidades atuais - primeiro fato é a grande urbanização, e depois a suburbanização, pesquisas que foram realizadas diz que houve uma covariação do sistema entre espaço e cultura (CASTELLS, 1999, p. 78).

Os fenômenos urbanos descritos acima, geram outros arranjos identitários que com o tempo geram segundo Castells, a conquista da autonomia política local e participação na qualidade de cidadãos.

O autor, um estudioso dos movimentos sociais, observa que é a identificação entre a identidade específica de uma comunidade ou não dá origem a partir do envolvimento e relação que as pessoas possuem entre si, levando então a uma vertente de cultura e idealização de comunidade diferenciadas de outras.

Para compreendermos melhor a construção de uma identidade comunitária local é importante ressaltar a importância que os movimentos sociais urbanos tiveram, no caso brasileiro, nas duas primeiras décadas pós ditadura militar.

Castells ressalta que num primeiro momento, os movimentos urbanos integraram a estrutura de governo com a participação da sociedade civil na busca do desenvolvimento da comunidade. Segundo, as comunidades locais alimentavam as bases do movimento ambiental. De modo geral, esses movimentos se preocupam com a consolidação do seu próprio espaço e ambiente imediato. Terceiro, um grande percentual das comunidades de baixa renda em todo o mundo, engajaram-se no projeto de sobrevivência coletiva, ou seja, formação de cozinhas comunitárias, banheiros, quartos dentre outros aspectos para que todos pudessem se ajudar, com o apoio das igrejas, e bases comunitárias. Quarto, os movimentos sociais que não ganharam força no passado, na atualidade retomam suas demandas de luta com força, querendo romper as barreiras que um dia os interromperam, criando movimento utópicos e segregados com a evolução de movimentos urbanos.

Para uma nova criação de uma comunidade o autor Martin Buber diz o seguinte:

Pelo fato de não estarmos unidos por alguma concepção comum, mas por uma vivência comum, e porque esta vivência surge em muitos homens atualmente, por isso mesmo muitos destes que nós nunca vimos e dos quais sabemos pouco e que de nós tão pouco sabem, estão vinculados mais profunda e complementa a nós do que alguns que vemos todo dia, mesmo que compartilhem nossa opinião sobre isto ou aquilo, enquanto os primeiros possuem outros horizontes e pensamentos (BUBER, 1987, p. 36).

Segundo o autor, para criar um novo conceito sobre comunidade é preciso analisar como as pessoas se relacionam e qual é o local ou aspectos geográficos que elas se encontram, pois muitas comunidades hoje tem se tornado “comunidades universais” que prezam pela valorização da vida como um todo, um exemplo disto, são os ciganos, que possuem um grupo específico que têm a sua cultura particular e são considerados uma comunidade pois, prezam pela vida e a contribuição de cada um para a convivência comunitária.

As comunidades periféricas são formadas por um determinante de ações que as envolvem, como fatos que ocorrem, a relação que possuem com os seus vizinhos, a cultura local, os espaços de convivência e lazer estes são aspectos que auxiliam nas relações interpessoais que de alguma forma contribui para a formação da identidade local.

A importância da construção da identidade local é que ela garantirá que as expressões culturais e históricas sejam contempladas nas mais diversas manifestações sociais. A comunicação como um fenômeno social, também será perpassada pelas estruturas identitárias do local.

Comunitária: Para quem, e para quê?

No processo de elaboração desse artigo, acompanhamos a programação de duas Rádios Comunitárias que tem sua programação transmitida pela FM e também pela internet. A primeira foi a Rádio Comunitária New Life, uma rádio que opera na cidade de Carapicuíba região metropolitana oeste de São Paulo. E a Rádio Comunitária Heliópolis que opera na cidade de São Paulo num bairro da zona sul, Heliópolis. Ambas estão localizadas na região periférica da cidade e operam na frequência FM 87,5.

Segundo o portal do Ministério da Comunicação, as rádios comunitárias ultrapassam em número as rádios comerciais que operam FM/AM, as rádios comunitárias totalizam o número de 4.556, e o maior número delas estão no estado de São Paulo, 585.

A regulamentação do setor, veio tardiamente, o que foi uma vitória para os organismos que lutavam, para que esse importante veículo de comunicação fosse reconhecido e saísse da “clandestinidade”, pois por muito tempo as rádios comunitárias foram denominadas clandestinas ou piratas. Após anos de enfrentamento, em 1998, foi homologada a Lei nº 9.612/98 que traz regulação para as rádios comunitárias e principalmente a legalidade de funcionamento. As duas rádios que acessamos obtém outorga para o funcionamento.

Diante dos questionamentos que trazemos, acompanhando as programações e visitando o sítio da internet que apresenta a rádio, podemos afirmar que temos duas vertentes que já vislumbramos nessa escrita. A Rádio New Life tem sua programação dividida em duas propostas: horário religioso que apresenta apenas músicas categorizadas como gospel e horário popular que apresenta músicas sertanejas.

A Rádio Heliópolis no site, já traz uma perspectiva contra-hegemônica e é coordenada pelo União de Núcleo Associação e Sociedades de Moradores de Heliópolis e São João Clímaco (UNAS) e tem como lema: “contribuir para transformar Heliópolis e região num bairro educador, promovendo a cidadania e o desenvolvimento integra da comunidade”.

A programação da Rádio Heliópolis é variada e apresenta características que atendem a comunidade ouvinte. Além das variações musicais a programação pode agradar os ouvintes mais velhos e também os mais jovens. Sabidamente entres os moradores dessa região há um número significativo de migrantes nordestinos e há uma programação específica para este público. Além de haver durante toda programação informes que interesse da comunidade. Os locutores são todos moradores da comunidade, o que facilita no que podemos compreender a efetivação de uma comunicação popular.

Nossa observação, também se atenta para o que o Ministério da Comunicação estabelece como viável na programação:

A programação diária de uma rádio comunitária deve conter informação, lazer, manifestações culturais, artísticas e outros conteúdos que possam contribuir para o desenvolvimento da comunidade, sem discriminação de raça, religião, sexo, convicções político-partidárias e condições sociais. Qualquer cidadão da comunidade beneficiada deve ter o direito de emitir opiniões sobre quaisquer assuntos abordados na programação da emissora, bem como manifestar suas ideias, propostas, sugestões, reclamações ou reivindicações. (BRASIL, 2014)

Reestabelecendo uma conexão com nossa pergunta inicial, é notado que nem todas as rádios comunitárias cumprem com papel de dar voz a comunidade, trazer representatividade e fortalecimento da identidade local. É sabido que não podemos generalizar pelas amostras auditivas que apresentamos, pois, muitos trabalhos mostram a importância desse meio de comunicação popular que traz perspectivas comunicacionais diferenciadas para as comunidades onde atuam, no entanto, compreendemos que algumas dessas emissoras, prestam um desserviço à comunidade, pois não conseguem ir além da hegemonia já estabelecida pelas rádios comerciais e contribuir para o desenvolvimento da comunidade atingida por suas ondas sonoras.

Comunicação na atualidade: A Utilização de Estratégicas das Rádios Comunitárias.

Atualmente, a comunicação cada vez mais está a serviço de grupos específicos. A comunicação de massa se estrutura de forma a manipular para o interesse político e de mercado. Uma mídia imparcial, que conta fatos não apenas versões reelaboradas a partir do interesse dominante quase não encontramos dentro do espaço das rádios comerciais. Outra alternativa que temos na atualidade são as rádios e tvs públicas e/ou educativas, que em suas programações diárias de alguma forma primam pela diversidade na comunicação.

As rádios comunitárias surgiram da necessidade de uma livre expressão de comunicação, e tornou-se um viés para os movimentos populares falarem as pessoas que de alguma forma estavam marginalizadas e trouxe nova perspectiva de comunicação para as comunidades, favelas, bairros, vilas. Inicialmente, eram instalados alto-falantes nos postes das ruas para que todas as pessoas que passassem pelo local escutassem o que estava sendo transmitido.

A primeira rádio comunitária no Brasil foi criada por dois irmãos na época da ditadura militar, o que levou à prisão de um dos irmãos e de seu pai, e a grande preocupação do governo militar era o fato de a rádio estar vinculada a movimentos sociais, pois estes travavam uma forte luta contra a ditadura, principalmente relativas aos direitos civis e liberdade de expressão. A comunicação, a liberdade de expressão sempre foi algo que é necessário para o ser humano e a garantia desse direito nem sempre foi observada nas leis que regeram o país.

A globalização, trouxe outras perspectivas de comunicação, isso não significa que o direito à liberdade de comunicação e expressão sejam democraticamente garantidos.

Atualmente, o sistema de comunicação de conta com outros meios de divulgação, na maioria das vezes, as informações que são geradas permanecem distantes e recaem no nada.

Raquel Paiva (2003, p. 45) faz a seguinte afirmação sobre a distorção da comunicação de massa:

Efetivamente, quando é possível reter algum saber, este não passa de informações que refletem pouco, ou quase nada além do lado exótico, fantástico, aberrante, noticioso, enfim. E, como qualquer notícia, formulada a partir das estratégias em vigor, possuem um tempo de durabilidade cada vez mais limitado.

Nesse sentido, repensar a atuação das Rádios Comunitárias é necessário, pois o poder de representatividade presente nas transmissões das rádios comunitárias, auxilia diretamente na construção e potencialização da identidade local.

De acordo com o Ministério da Comunicação, as entidades que recebem outorga para a execução das rádios comunitárias, devem oferecer à comunidade a possibilidade de ter um canal de comunicação inteiramente voltado a ela, abrindo a oportunidade para divulgação de suas ideias, manifestações culturais, tradições e hábitos sociais, ou seja, uma programação que não sirva apenas como afirmação da hegemonia que uniformiza a cultura e as mentes.

Reconhecemos a necessidade de democratização dos meios de comunicação no Brasil, mas algumas perguntas ainda continuam ressoando, talvez a questão nos seja mais pertinente seja: como regular a programação das Rádios Comunitárias para que de fato elas cumpram o papel de ser a voz da comunidade?

A Rádio New Life FM, é apenas um dos muitos exemplos de transmissão de radiodifusão que se diz comunitária que, no entanto, não cumpre com a proposta de ser a voz da comunidade.

Referências

BRASIL. **Associação Mundial de Rádios Comunitárias do Brasil.** Disponível em: <<http://amarcbrasil.org>> ; Acesso em 11 de julho de 2016.

BRASIL. **Ministério da Comunicação.** Radiodifusão Comunitária. Disponível em: <<http://www.mc.gov.br/radiodifusao-comunitaria>> ; Acesso em: 16 de maio de 2016.

BUBER, M. **Sobre comunidade.** São Paulo: Perspectiva, 1987.

CASTELLS, M. **O poder da identidade.** 6.ed. Trad.de Klauss B.Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra. 1999.

PERUZZO, C. M. K. **Revisitando os Conceitos de Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária.** Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/116338396152295824641433175392174965949.pdf>> ; Acesso em: 09 de julho de 2016.

_____. **Comunicação nos Movimentos Populares:** a participação na construção da cidadania. São Paulo: Vozes, 2004.

PAIVA, R. **Contra- Mídia- Hegemônica.** In: Coutinho, E.G (org). **Comunicação e contra-hegemonia:** processos culturais e comunicacionais de contestação, pressão e resistência. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

_____. **Comunicação e cultura das minorias.** São Paulo: Paulus, 2005.

NUNES, M. V. **Rádios Comunitárias no século XXI.** In. **Desafios do rádio no século XXI /** Sonia Virgínia Moreira, Nélia R. Del Bianco, organizadoras. – São Paulo : INTERCOM ; Rio de Janeiro : UERJ, 2001.

GOMES, M. B. **O papel da inserção das rádios comunitárias em comunidades carentes.** Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-1619-1.pdf>> ; Acesso em: 09 de julho de 2016.

Rádios Piratas no Brasil. Disponível em: <<http://www.abert.org.br/web/index.php/notmenu/item/21962-55-de-estacoes-piratas-fechadas-pela-anatel-sao-de-radio-e-tv>> ; Acesso em: 11 de julho de 2016.